



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

**PERCEPÇÃO DE PAIS, MÃES E/OU RESPONSÁVEIS SOBRE O USO DE
TELAS NA INFÂNCIA**

GOIÂNIA
2023

EDUARDA SANTOS DE MORAIS
JÚLIA GABRIELA RODRIGUES REZENDE

**PERCEPÇÃO DE PAIS, MÃES E/OU RESPONSÁVEIS SOBRE O USO DE TELAS
NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, na qualidade de artigo científico, à coordenação do curso de Fonoaudiologia, da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora Mestra Eliane Faleiro de Freitas.

GOIÂNIA
2023

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 04 dias do mês de dezembro de 2023, às 18:00 horas, em sessão pública na sala da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mestre ELIANE FALEIRO DE FREITAS e composta pelos examinadores:

1. Professora Mestre MARCELLA HAICK MALLARD,
2. Professora Mestre LARISSA SEABRA TOSCHI,

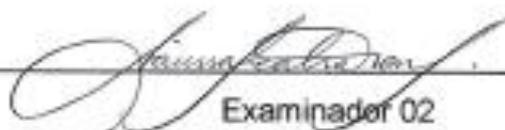
as alunas EDUARDA SANTOS DE MORAIS e JÚLIA GABRIELA RODRIGUES REZENDE apresentaram o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado PERCEPÇÃO DE PAIS, MÃES E/OU RESPONSÁVEIS SOBRE O USO DE TELAS NA INFÂNCIA como requisito curricular indispensável para integralização do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente às alunas e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.



Presidente da Banca Examinadora



Examinador 01



Examinador 02

Júlia Gabriela R. Rezende Eduarda Santos de
Morais

Alunos(as)

PERCEPÇÃO DE PAIS, MÃES E/OU RESPONSÁVEIS SOBRE O USO DE TELAS NA INFÂNCIA

Eduarda Santos de Moraes¹
Julia Gabriela Rodrigues Rezende¹
Eliane Faleiro de Freitas²

¹Acadêmicas do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás.

²Fonoaudióloga, Musicoterapeuta; Mestre em Música (UFG), Docente do Curso de Fonoaudiologia (PUC Goiás).

RESUMO

Objetivo: Investigar a percepção dos pais e responsáveis com relação ao uso de telas na infância, de crianças com idade entre 2 e 10 anos que estejam em atendimento fonoaudiológico na Clínica Escola de Fonoaudiologia da PUC Goiás. **Metodologia:** Este trabalho é um estudo qualitativo transversal que visa analisar a percepção dos pais, mães e/ou responsáveis em relação ao uso de telas na infância. Foram realizadas 10 entrevistas com pais, mães e responsáveis sobre o uso de telas na infância. **Resultados e discussão:** As principais percepções dos pais foram que as telas podem causar alterações oculares e alteração de humor. **Conclusão:** Foi possível constatar que os participantes têm noção dos riscos e benefícios do uso de telas, mas percebeu-se que a maioria dos responsáveis não conseguem delimitar o tempo de uso de telas pelas crianças e, muitas vezes, não supervisionam o conteúdo que seus filhos (as) assistem/jogam nas mídias eletrônicas. Tais constatações corroboram com os dados da literatura específica sobre a temática.

Palavras-chave: Infância, Telas, Pais/Mães.

Abstract

Objective: To investigate the perception of parents and guardians regarding the use of screens in childhood, of children aged between 2 and 10 years who are in speech therapy at Clínica Escola de Fonoaudiologia da PUC Goiás. **Methodology:** This study is a qualitative cross-sectional study that aims to analyze the perception of fathers, mothers and/or guardians about the use of screens in childhood. 10 interviews were conducted with fathers, mothers and guardians about the use of screens in childhood. **Discussion and Results:** The main perception of parents was that screens can cause eye injuries and mood changes. and mood changes: It was possible to verify that the participants are aware of the risks and benefits of the use of screens, but it was noticed that most of the interviewed are unable to delimit the time of screen use by children and, many times, do not supervise the content that their children watch/play in electronic media. These findings corroborate the data in the specific literature on the subject.

Keywords: Childhood, Screens, Fathers/Mothers.

Introdução

As fases da infância são geralmente divididas em três estágios: primeira infância, que vai do nascimento até os 6 anos; segunda infância, que vai dos 6 aos 12 anos; e adolescência, que vai dos 12 aos 18 anos. Cada fase é marcada por diferentes marcos de desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social. Durante a primeira infância, as crianças passam por um rápido crescimento físico e desenvolvimento cognitivo, aprendendo a andar, falar e interagir com o mundo ao seu redor. Na segunda infância, as habilidades motoras e cognitivas continuam a se desenvolver, e

as crianças começam a apresentar uma compreensão mais complexa do mundo. Durante a adolescência ocorrem mudanças significativas devido à puberdade, incluindo o desenvolvimento sexual, emocional e social, bem como a busca por independência e identidade própria. (RAUTER et al, 2012).

Queiroz, Maciel e Branco (2006) consideram que a brincadeira é uma atividade extremamente importante para o desenvolvimento da criança. Por meio do lúdico a criança tem a possibilidade de se descobrir, compreender emoções, desenvolver imaginações e criatividades para apreender a realidade. Assim, na concepção dos autores, o brincar faz a criança aprender a significar o pensamento dos pares e por meio da brincadeira especificar o processo simbólico que, por sua vez, promove o desenvolvimento da cognição e dos aspectos que interatuam nas condições humanas. Os autores ainda confirmam que para a maioria dos grupos sociais, a brincadeira é um aspecto essencial da infância. Sendo assim, a brincadeira está cada vez mais entendida como uma atividade que, além de estimular o desenvolvimento global das crianças, leva à interação com seus pares.

A infância está relacionada à fase de desenvolvimento e modificações no aspecto cognitivo, afetivo, social e motor. Na perspectiva de Madigan et al (2019), os vários fatores poderão influenciar de forma negativa nesse processo de desenvolvimento infantil, sendo que um desses fatores cruciais é o uso de telas na infância. Assim, muitos estudos apontam que crianças têm apresentado comprometimentos nessa fase tão importante da vida por conta da inserção precoce do uso de telas. (MÉLO, 2017; CÂMARA et al, 2020; Rocha et al, 2022; SOUSA; CARVALHO, 2023).

Telas, de forma generalizada, é compreendida como conjunto de dispositivos eletrônicos que possuem uma tela na qual se possa operar de modo a obter informações tais como smartphones, tablets, computadores e televisores. Trata-se de uma forma de comunicação que transmite conteúdo por meio de sinais digitais, como na internet, e é um fenômeno comum no cotidiano familiar atualmente. (ALMEIDA et al, 2022).

Nobre et al (2021) referem que o uso de telas está sendo introduzido de forma cada vez mais precoce na vida das crianças. Os autores relatam que essa introdução precoce das telas na infância poderá prejudicar o desenvolvimento infantil, uma vez

que as brincadeiras que envolvem o contato com outros parceiros estão deixando de existir na vida das crianças, ou seja, estão deixando de viver a fase da infância e se privando de experiências importantes, situação essa que certamente comprometerá o desenvolvimento infantil. Autores elencam que o uso de telas é fator de risco para o desenvolvimento das crianças, destacando o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social. (MADIGAN et al, 2019).

Sendo assim, Costa (2021) afirma que a interação entre pais e filhos é essencial para que a criança tenha um bom desenvolvimento em muitos aspectos. A autora destaca que, nos primeiros dois anos de vida, essa interação é essencial para fortalecimento de laços afetivos, desenvolvimento social e emocional, desenvolvimento cognitivo, bem como para o desenvolvimento da compreensão de limites e valores. A autora relata, ainda, que sem afeto e intermediação parental, a criança pode crescer presa às imagens e falas padronizadas sem saber a diferença entre o mundo real e virtual.

Esse tema vem sendo bastante debatido entre vários profissionais da área da saúde ao redor do mundo, também sendo motivo de preocupação para pais e educadores, uma vez que o uso excessivo de telas está ocorrendo cada vez mais precoce na vida das crianças, diminuindo a interação com seus pares e trazendo implicações na vida da criança (SANTANA; RUAS; QUEIROZ, 2021).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) recomenda que o tempo de uso de telas deve ser limitado e convergente à idade e etapas de desenvolvimento das crianças e sempre com supervisão dos pais (SBP, 2016).

Da mesma maneira, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que crianças de até cinco anos de idade não devem ultrapassar mais de 60 minutos por dia diante de uma tela de smartphone, computador ou televisão e recomenda, ainda, que bebês com menos de 12 meses de vida não devem ter contato com dispositivos eletrônicos (OMS, 2019).

Câmara et al (2020) realizaram um estudo no qual fizeram o levantamento sobre o uso de telas na infância e constataram que os dispositivos eletrônicos vêm sendo ofertados cada vez mais precocemente na vida das crianças. Os autores verificaram que diante deste cenário, as crianças estão substituindo as atividades que envolvem brincadeiras com seus pares pelo uso de telas, fazendo com que o convívio

social diminua de forma considerável. Neste contexto, os autores alertam que possa ocorrer vários prejuízos em seu desenvolvimento que vão ser refletidos na vida adulta, destacando a obesidade, o isolamento social e familiar, dores musculares, problemas posturais e osteoarticulares, déficit de atenção, depressão, enxaqueca, hiperatividade, aceleração da sexualidade, diminuição do rendimento escolar, dessensibilização dos sentimentos, podendo, ainda, levar à dependência como tabagismo, alcoolismo e uso de drogas. Tal cenário deve ser motivo de preocupação não só de profissionais da saúde, mas, também, de toda sociedade.

Diante do que foi exposto e considerando que se o uso de telas pode acarretar consequências que afetarão o desenvolvimento de crianças que são expostas às telas precoce e indiscriminadamente, surge a questão: será que os pais têm o conhecimento sobre a dimensão do efeito do uso de telas na vida das crianças? Com este questionamento, justifica-se a elaboração desta pesquisa que teve como foco principal investigar a percepção dos pais e responsáveis com relação ao uso de telas na infância, de crianças com idade entre 2 e 10 anos que estejam em atendimento fonoaudiológico na Clínica Escola de Fonoaudiologia da PUC Goiás. O estudo teve como objetivo, também, analisar os relatos dos pais colhidos a partir de questionário e investigar a percepção dos pais com relação aos efeitos do uso de telas na infância.

Metodologia

Este trabalho é um estudo qualitativo transversal que visa analisar a percepção dos pais, mães e/ou responsáveis em relação ao uso de telas na infância.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e aprovado sob o número CAAE: 70387723.6.0000.0037.

A pesquisa foi realizada com pais, mães e/ou responsáveis de crianças que estavam nas dependências da Clínica Escola de Fonoaudiologia enquanto aguardavam os atendimentos fonoaudiológico realizados com os filhos (as). Na época em que a pesquisa foi realizada, entre setembro e outubro de 2023, foram entrevistados 10 responsáveis cujo filhos (as) estavam em atendimento fonoaudiológico (um pai, oito mães e uma avó). Os responsáveis foram convidados a

participarem da pesquisa e, nesse momento foi explicado o objetivo do estudo de forma clara e sucinta. Os pais, mães e/ou responsáveis que se dispuserem a participar foram conduzidos à uma sala reservada nas dependências da Clínica Escola de Fonoaudiologia de PUC Goiás onde as pesquisadoras leram e explicaram, em linguagem acessível, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi assinado pelo (a) participante. Após a assinatura do TCLE, as pesquisadoras leram o questionário e explicaram aos responsáveis as questões de modo que os participantes pudessem compreender o conteúdo das perguntas e respondê-las de forma coerente. Ao final da coleta de dados com cada participante, foi entregue um folder informativo sobre o uso de telas na infância. Foram colhidas dez respostas com pais, mães e/ou responsáveis que estavam com os filhos em atendimentos, sendo definido no mínimo 10 participantes respondentes para a realização deste estudo. No quadro abaixo apresenta-se o número de participantes correlacionando com as terapias que as crianças frequentavam.

Terapias que os filhos frequentavam	Participantes
Terapia em Fluência	5
Terapia em linguagem	5

Quadro.1- Quantidade por pais, mães e/ou responsáveis

Aos participantes da pesquisa foi apresentado um questionário com as seguintes questões: (1) Seu filho (a) faz uso de telas (smartphones, tablets, computador, vídeo games, televisão)? Em que período e ocasiões (no momento das refeições, no trajeto para casa/escola ou outro local)? Por quanto tempo? Qual conteúdo que assiste? (2) Você acha que o uso de telas pode trazer algum efeito na vida da criança? Poderia me explicar? e (3) Seu filho (a) tem um tempo definido para fazer o uso de telas?

Para sustentar a análise dos dados utilizou-se referencial teórico cujos descritores que, combinados entre si, nortearam as buscas nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico foram: telas, infância, pais, benefícios, malefícios. Após a aplicação do questionário foi feita a correlação das respostas com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos Pais, Mães e/ou Responsáveis tiveram a percepção de que o uso excessivo de telas pode acarretar problemas oculares. Participante responsável por criança com 9 anos que estava em atendimento de Fluência comentou: “*As telas, além de prejudicar postura, né? as vistas também (...)*”. Já o participante responsável pela criança que possui 8 anos e que estava em atendimento em Linguagem deu a seguinte resposta: “*Na minha concepção, tem muita dificuldade e prejuízo futuramente. Por exemplo, de tanto ficar na frente do computador, acabou com as minhas vistas*”. Neste sentido, Schamache et al (2021) ressaltam que diversos problemas visuais relacionados ao uso de dispositivos como celulares, tablets computadores e videogames já foram descritos na literatura. Já se sabe que tais distúrbios da visão ocasionados pelo uso excessivo de telas podem causar muitas consequências nos indivíduos acometidos.

Diante das respostas coletadas dos participantes foi analisado queixas recorrentes com relação ao humor e comportamento. Outro ponto destacado foi a dependência que as crianças têm dos dispositivos digitais, sendo que alguns participantes relataram que podem afetar o processo de socialização e comportamento. Tal ideia pode ser constatada no relato do participante responsável pela criança que possui 7 anos que estava em atendimento de Linguagem: “*Parece que quando ele (filho) fica sem as telas, ele fica mais nervoso, mais agitado*” Segundo o responsável pela criança que possui 8 anos e que estava em atendimento de Fluência apresentou a seguinte resposta: “*O humor dele quando faz uso do celular, é mais quando a gente vai tirar mesmo, porque ele fica zangado*”. Já a responsável pela criança com 7 anos e que estava em atendimento de Linguagem comentou: “*Ele fica irritado quando eu tiro (o celular). Quando eu falo que já ‘tá’ demais, aí eu pego o celular e guardo e ele fica irritado*”. E os responsáveis pela criança com 5 anos que estava em atendimento de Linguagem relatou: “*Às vezes ele fica bravo (quando tira o celular da criança), mas depois ele esquece*”. Schamache et al (2021) citam que são diversos os problemas médicos relacionados a era digital, sendo frequente os problemas de saúde mental como a tendência de os usuários apresentarem irritabilidade.

De acordo com os dados levantados, a maioria dos participantes não conseguem impor um limite de tempo de uso das telas e ainda alegam que se sentem desafiados pelas crianças. Muitos pais não concordam com a exposição das crianças,

mas consideraram um grande desafio em conseguir reduzir o uso das telas. Um responsável pela criança de 8 anos relata que não consegue impor o limite de telas, e que não tem controle da criança, sendo que seu filho faz uso das telas até durante o banho e comenta: *“Nossa, ele vai tomar banho, aí ele coloca o celular assim posicionado porque ele quer banhar assistindo”*. Responsável pela criança com 10 anos que estava em atendimento de Linguagem também comentou sobre a dificuldade de fazer com que a criança reduza o uso das telas: *“Mas ela (neta) gosta de ficar tarde inteira. Tarde inteira na TV.”* O trecho mencionado está relacionado aos impactos do uso excessivo de telas na infância e aos desafios enfrentados pelos pais na imposição de limites e na promoção do desenvolvimento saudável dos filhos. Lima et al (2023) destacam a importância de estabelecer limites no uso de telas e promover atividades que favoreçam o desenvolvimento das crianças.

Ao abordar o tempo de uso de telas, uma mãe comentou que seu filho só utiliza dispositivos eletrônicos durante as refeições para assistir clipes musicais. Esse participante responsável pela criança que possui 5 anos que está em atendimento de Linguagem, apresentou a seguinte resposta ao ser questionado com relação ao tempo de uso de telas: *“Ele só utiliza a tela durante as refeições, o almoço, a janta e o lanche”*. Veloso e Almeida (2022) referem que o hábito de assistir televisão e a utilização de outros aparelhos eletrônicos durante as refeições têm se tornado muito frequente no mundo contemporâneo, e alertam para o fato de que o uso de tecnologias tem sido associado à má formação dos hábitos alimentares.

Uma participante descreveu que as crianças devem ser resguardadas dos riscos existentes nas mídias eletrônicas por meio da supervisão atenta dos pais, pois relatou que, hoje em dia, existem muitos golpes na internet. Assim, essa responsável pela criança com 7 anos que estava em atendimento de Linguagem expôs: *“Também nessa questão de golpe, sabe? Esse povo que fica fazendo golpe de internet, golpe disso, daquilo. É um benefício que vem do mal, parece. Às vezes a gente acaba caindo, né?”*. Sena (2023) defendem que as crianças devem ser resguardadas dos riscos que o meio virtual apresenta por meio da supervisão atenta dos pais, sem que tenham sua privacidade violada.

Outra participante, mãe da criança que possui 8 anos, relatou que tem um filho mais velho de 20 anos que sempre faz uso de telas durante as refeições, fazendo com

que o filho mais novo siga o exemplo. Alega, assim, que não consegue ter controle sobre o filho mais novo pois ele está seguindo o exemplo do irmão: *“Porque se eu proíbo de um, o outro não, aí fica aquele dilema, todo dia, todo dia”*. Desmurget (2021) descreve que estudos sobre o uso de telas na infância concluem que o peso dos hábitos da família impacta no consumo de telas das crianças. Quando os pais compartilham momentos com os filhos, seja jogando videogame ou assistindo televisão, essas práticas podem influenciar o consumo das crianças. No entanto, esse tempo de compartilhamento muitas vezes não é dedicado a outras atividades tais como práticas esportivas e de lazer. A falta de diversidade de atividades pode aumentar globalmente o tempo de exposição das crianças, já que as práticas comuns muitas vezes não são substituídas, mas sim adicionadas às atividades solitárias. As crianças tendem a imitar o comportamento imoderado de seus pais, segundo um mecanismo bem conhecido de aprendizado social. (DESMURGET, 2021).

Esses relatos trazem à tona diversas situações que revelam a dificuldade dos pais em estabelecer limites para o uso de dispositivos pelas crianças. Muitas vezes, eles recorrem a "desculpas" como mandar as crianças brincarem, na tentativa de mantê-las afastadas dos aparelhos eletrônicos. Segundo o estudo feito por Beker e Donelli (2021) apontou que as crianças são imediatistas e consumistas, não toleram ouvir “nãos” e demonstram mudanças em seus comportamentos quando as suas expectativas não são supridas.

Interessante destacar uma entrevista realizada com uma mãe que é responsável por duas crianças gêmeas que estavam em atendimento de Linguagem. Ela relatou que consegue limitar o tempo de uso de telas pelos filhos e que permite que suas crianças tenham acesso às telas por apenas meia hora aos finais de semana. Sua justificativa é a de que ela não teve acesso aos aparelhos eletrônicos e não quer que suas crianças tenham as telas como única alternativa de obter conhecimentos de uma forma geral, pois prefere estimular a leitura e incentivar os estudos. Essa responsável pelas crianças que possuem 5 anos apresentou a seguinte opinião com relação à permissão do uso de telas pelos filhos: *“Só final de semana, mais ou menos meia hora. Então aquilo ali, como eu já cresci da forma que eu nunca, nem existia celular, sei lá, na minha época. Então eu acho que é a mesma forma que eu quero fazer com eles, falando do mesmo jeito, sabe? Falando do negócio celular. Mas prefiro incentivar mais a leitura para eles, na escola”*.

Beker e Donelli (2021) realizaram uma pesquisa e fizeram uma intervenção clínica para avaliar o que os pais e cuidadores de bebês de até 3 anos falam sobre as novas tecnologias e como essas permeiam as rotinas familiar e escolar e afetam o desenvolvimento infantil. Os resultados encontrados são confirmados por estudos que apontam para o fato de que o uso excessivo de telas e redes sociais são um dos fatores que afetam a saúde mental de crianças e adolescentes em todo o mundo (Participa Mais Brasil, 2023).

Foi possível perceber que dois dos entrevistados, cuja escolaridade era de níveis superiores completos, tiveram um olhar um pouco mais diferenciado sobre o uso de telas em algumas respostas e pensamentos expostos por eles. Acredita-se que o nível socioeducativo dos participantes pode ter influenciado as respostas. Assim, o participante que se encontra no último período do curso de fonoaudiologia, responsável pela criança que possui 5 anos que estava em atendimento de Linguagem, comentou: *“Então, assim, tem os benefícios e os malefícios em relação a quantidade de tempo de tela. Não o uso da tela em si, né? O que causa essa dependência e essa relação de aprendizado e em relação a danos cerebrais comprovado cientificamente diz respeito à quantidade de uso, não à tela. Então, com certeza, eu acredito que um tempo maior que o permitido na tela vai causar prejuízo no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.”*

Os estudos e artigos encontrados não apresentam informações específicas sobre a relação entre o nível de escolaridade dos pais e suas opiniões sobre o uso de telas na infância. No entanto, acredita-se que pais com maior nível de escolaridade podem ter uma compreensão mais profunda dos impactos do uso excessivo de telas na infância, bem como sobre a importância de estabelecer limites e orientações para o uso saudável de dispositivos eletrônicos. Além disso, esses pais têm mais possibilidade de ter acesso a informações e orientações sobre como mediar o uso de telas de forma eficaz, promovendo um ambiente doméstico saudável e seguro para a infância. Considera-se que tais reflexões possam ser evidenciadas em futuras pesquisas que investiguem, com mais propriedade, sobre a relação do nível de escolaridade dos pais e suas atitudes diante dos filhos com relação ao uso das telas.

No que se refere à percepção dos Pais, Mães e/ou Responsáveis em relação ao uso de telas na infância, os dados encontrados durante a pesquisa apontam que os participantes têm conhecimento quanto aos riscos do uso de telas e o que pode

afetar na vida das crianças. Durante a coleta de dados as pesquisadoras observaram a falta de imposição de limites, por parte dos responsáveis, com relação ao tempo para o uso de telas e a maioria dos participantes admitiram ter pouca supervisão do conteúdo acessado pelas crianças. Além disso, foi notada, por meio do relato de alguns participantes, uma inversão de papéis, em que as crianças demonstram autoridade sobre os responsáveis e impõem suas vontades com relação ao uso das telas. Esses achados sugerem a necessidade de uma reflexão sobre a dinâmica familiar e o uso das telas, considerando os impactos no desenvolvimento e no bem-estar das crianças.

Conclusão

A pesquisa foi realizada com pais, mães e/ou responsáveis de crianças que estavam em tratamento fonoaudiológico na Clínica Escola de Fonoaudiologia da PUC Goiás, com o objetivo investigar a percepção deles sobre o efeito do uso de telas na infância. Foi aplicado um questionário onde os participantes responderam às perguntas abertas durante o tempo que esperavam as crianças serem atendidas na terapia fonoaudiológica. De acordo com os dados analisados, foi possível constatar que os participantes têm noção dos riscos do uso de telas, mas percebeu-se que a maioria dos responsáveis não conseguem delimitar o tempo de uso de telas pelas crianças e, muitas vezes, não supervisionam o conteúdo que seus filhos (as) assistem/jogam nas mídias eletrônicas. Tais constatações corroboram com os dados da literatura específica sobre a temática. Considera-se a necessidade de se desenvolver mais pesquisas sobre a temática uma vez que o uso de telas tem sido uma constante nessa população e pode estar influenciando o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maíra Lopes; ROSA, Laura Canani da; VESCOVI, Gabriela; PEDROTTI, Bruna Gabriella; MALLMANN, Manoela Yustas; FRIZZO, Giana Bitencourt. **Intervenção educativa sobre uso de mídias digitais na primeira infância.** Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 103-116, jun. 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16772970202200010009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 29 abril 2023.

BEKER, Débora; DONELLI, Tagma Marina Schneider. **Impressões de pais e educadores sobre a exposição do bebê às telas: um relato de experiência.** Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 128-142, dez. 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16772970202200020009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 23 nov. 2023.

CÂMARA, Hortência Veloso; PEREIRA, Myreya Lina Sardinha; COUTO, Giullia Bianca Ferracioli do. **Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais/main biopsychosocial damages in abusive use of child technology.** Id On Line Revista de Psicologia, 2020. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2588>>. Acessado em: 29 abril 2023.

COSTA, Larissa Silvano. **A substituição do brincar: implicações do uso de tecnologias por crianças de 0 a 2 anos.** 2021. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/20066>>. Acessado em: 08 maio 2023.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças.** São Paulo: Vestígio, 2021.

LIMA, J. B.; PINHEIRO, F. E. R.; REZENDE, T. M. **As principais implicações neuropsicólogas do uso excessivo de telas na infância: uma revisão sistemática.** Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], 2023. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/63426>>. Acessado em: 23 nov. 2023.

MADIGAN, Sheri; BROWNE, Dillon; RACINE, Nicole; MORI, Camille; TOUGH, Suzanne. **Association Between Screen Time and Children's Performance on a Developmental Screening Test.** Jama Pediatrics, 2019. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/articleabstract/2722666?casa_token=RtxTrpuaGgoAAAAA:m5t2y_LY_kPuFpCfhT0txRo4T7OSHTGmBcSsVsXvh_PPuYPFtSLIYL3reUydz_nBLIIJpeEtwA>. Acessado em: 08 maio 2023.

MÉLO, Tainá Ribas. **Mídias: amigas ou vilãs? qual a influência sobre o desenvolvimento das crianças?** Curitiba: Researchgate, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/319927253_Midias_amigas_ou_vilas_Qua_l_a_influencia_sobre_o_desenvolvimento_das_crianças>. Acessado em: 29 abril 2023.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes; SANTOS, Juliana Nunes; SANTOS, Livia Rodrigues; GUEDES, Sabrina da Conceição; PEREIRA, Leiziane; COSTA, Josiane Martins; MORAIS, Rosane Luzia de Souza. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância.** Ciência & Saúde Coletiva, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 1127- 1136, mar. 2021. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/GmStpKgyqGTtLwgCdQx8NMR/?lang=pt>>. Acessado em: 08 maio 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age.** 2019. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/311664/9786500208764por.pdf?sequence=61&isAllowed=y>>. Acessado em 08 de maio 2023.

PARTICIPA + BRASIL. **Uso De Telas Por Crianças E Adolescentes.** Disponível em: <<https://www.gov.br/participamaisbrasil/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes>>. Acessado em 13 de novembro de 2023.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.** Paidéia (Ribeirão Preto), [S.L.], v. 16, n. 34, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/paideia/a/yWnWXkHcwfjcnqKVp6rLnwQ/?lang=pt>>. Acessado em: 08 maio 2023.

RAUTER, M.; FERREIRA SALLES, L. M. **Concepções sobre as fases da vida na comunidade escolar pelas vozes da infância e adolescência contemporânea.** Revista Contexto & Educação, [S. l.], 2012. Disponível em: <<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/287>>. Acessado em: 24 nov. 2023.

ROCHA, Maressa Ferreira de Alencar; BEZERRA, Rebeka Ellen de Alencar; GOMES, Laura de Almeida; MENDES, Alice Lins de Albuquerque Cavalcanti; LUCENA, Alinne Beserra de. **Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura.** Research, Society And Development, [S.L.], v. 11, n. 4, p. 39211427476, 21 mar. 2022. Research, Society and Development. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27476>>. Acessado em: 08 maio 2023.

SANTANA, MI; Ruas, MA; Queiroz, PHB. **O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil.** Saúde em Foco, 2021. Disponível em: <<https://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2021/05/OIMPA-CTO-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-CRESCIMENTO-E-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf>>. Acessado em: 08 maio 2023.

SCHAMACHE, M. P.; TAVEIRA, L. G.; MARTINS, J. V. de F. **Problemas oculares relacionados ao uso de telas em pacientes pediátricos.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 13, n. 9, p. e8864, 23 set. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e8864.2021>>. Acessado em: 02 nov. 2023.

SENA, Kariny Silva de. **O papel da mediação parental no uso de telas na infância e adolescência: uma revisão integrativa de literatura.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Fortaleza, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/handle/123456789/1562>>. Acessado em: 02 nov. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação: saúde da criança e adolescência na era digital.** Rio de Janeiro: SBP; 2016. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrientSaudeCrian-e-Adolesc.pdf>. Acessado em: 08 maio 2023.

SOUSA, Lucas Lopes; CARVALHO, José Bégue Moreira de. **Uso abusivo de telas na infância e suas consequências.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 11594, 10 fev. 2023. Revista Eletrônica Acervo Saúde. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11594>>. Acessado em: 08 maio 2023.

VELOSO, M. das G. de A.; ALMEIDA, S. G. de. **A influência dos meios eletrônicos na construção de hábitos alimentares na infância:** a perspectiva do comportamento alimentar de crianças na era digital no contexto familiar. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i9.31285. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/31285>>. Acesso em: 23 nov. 2023.